

Caderno da Participante 2023



Realização:



Parceiros:



Apoio:



Colocando o pé na estrada!

Queridas jovens!

Com muita alegria, saudamos a cada uma de vocês, participantes do **PROGRAMA DE FORMAÇÃO FEMINISMO E AGROECOLOGIA!**

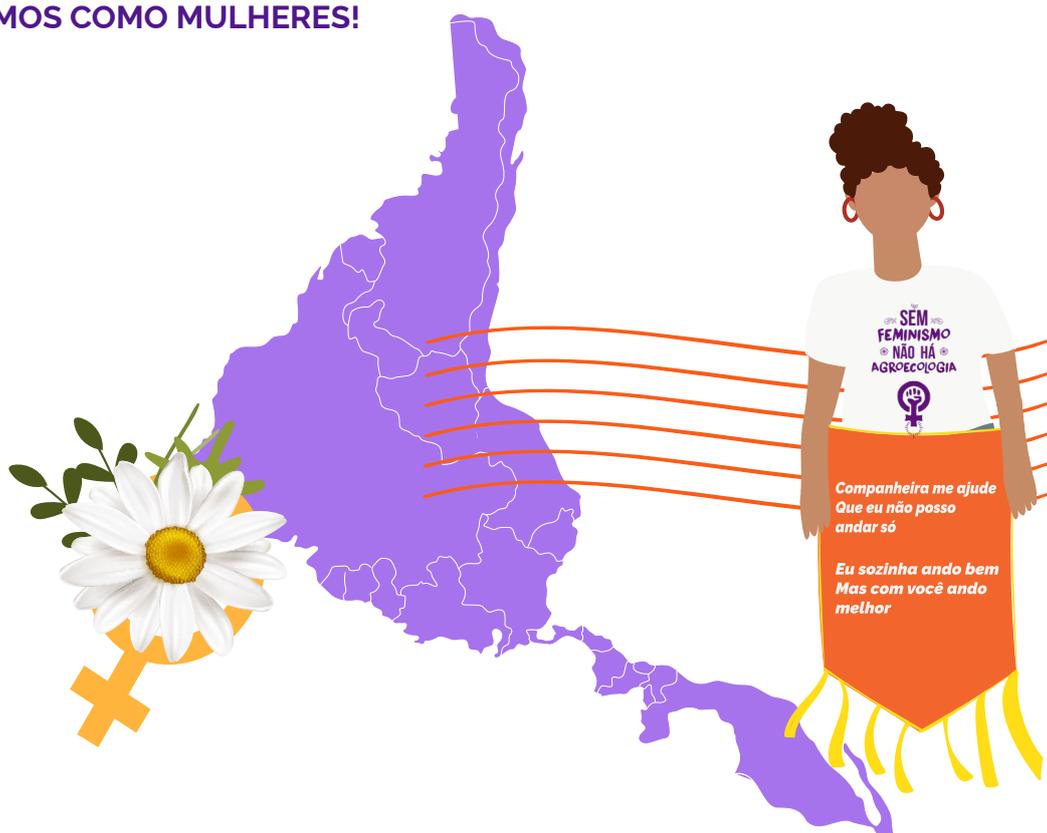
Essa formação tem como objetivo fortalecer a luta das mulheres, dos seus coletivos, sindicatos, movimentos e outras organizações populares das quais fazem parte na região da Zona da Mata mineira!

Este curso responde à uma demanda por formação de jovens para dar sequência e renovar a luta popular, feminista e agroecológica das organizações da agricultura familiar e apoiar na consolidação de grupos que vem se organizando e ganhando maior visibilidade em tempos recentes, como as quilombolas e as indígenas, sobretudo da etnia Puri, e a luta no enfrentamento à mineração.

Em nossas andanças e ações pela Zona da Mata mineira, observamos a importante presença das mulheres em várias organizações populares do campo. As bandeiras são muitas: lutamos contra os agrotóxicos, pelo direito à terra, contra a mineração, por condições de produzir e comercializar de forma justa e sem agredir o meio ambiente. **LUTAMOS PELA AGROECOLOGIA!**

Lutamos pelo direito de existir, de não sermos violentadas, de não sofrermos com as desigualdades porque somos mulheres, porque somos do campo, ou por sermos negras, indígenas, quilombolas, jovens, mães.

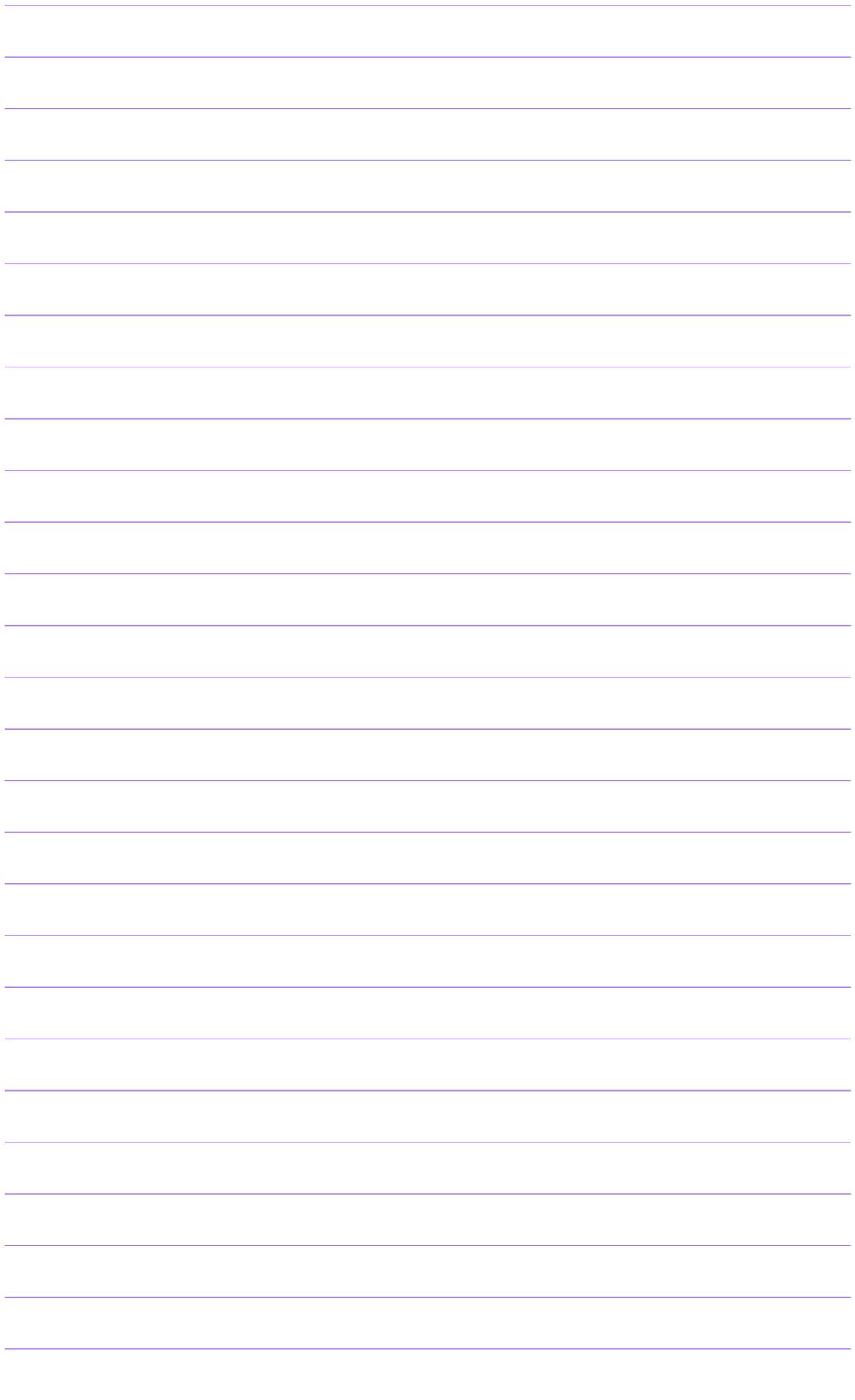
Lutamos pela vida, pela vida digna, onde possamos decidir sobre nossos destinos e das nossas comunidades, visando uma vida boa para todas as pessoas e para o ambiente, o “bem viver”, como nos ensinam grupos indígenas da região dos Andes aqui na América do Sul. **LUTAMOS PELO DIREITO DE NOS ORGANIZARMOS E DE LUTARMOS COMO MULHERES!**



Você conhece alguma mulher de luta? E você faz parte de alguma organização, grupo ou coletivo que atua nas lutas populares do campo? **Conta pra gente!**



*Onde pisa uma mulher,
Há sentimento,
Onde pisam duas mulheres
Há determinação,
Onde pisam três mulheres,
A organização nasce,
Mas quando mais mulheres se juntam
E pisam a terra firme,
Germina a esperança.
Já é possível planejar a colheita
Da safra de Um Mundo Novo
(Sandor Sanches)*



... nossos curso é de muito tempo

Desde a década de 90, agricultoras familiares e trabalhadoras rurais das regiões Zona da Mata e Leste de Minas Gerais estão organizadas em comissões municipais de mulheres e/ou grupos informais, e se articulam também na Comissão Regional de Mulheres. Em 2007, a Comissão Regional se extinguiu após conflitos no movimento sindical e a atuação das mulheres passou a ocorrer somente a nível local.

A conjuntura mudou em 2010, a partir do Encontro Regional de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais, no qual as organizações de mulheres voltaram a se fortalecer regionalmente e, em fevereiro de 2011, se afirmaram como um movimento social, criando o **Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas (MMZML)**.

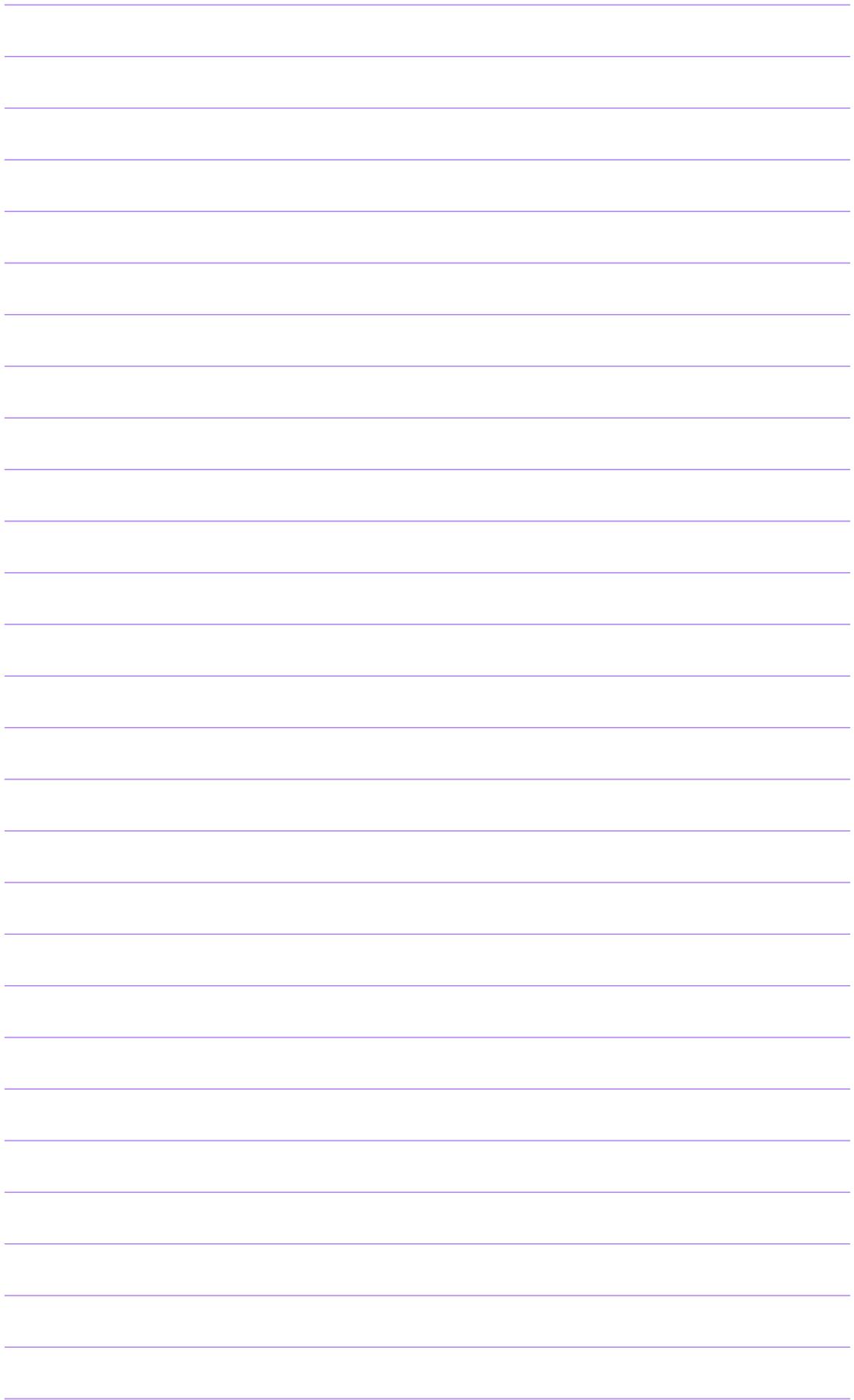
O movimento é formado por trabalhadoras rurais representantes de 15 municípios: Acaiaca, Araponga, Ervália, Divino, Paula Cândido, Espera Feliz, Simonésia, Santana do Manhuaçu, Santa Margarida, Diogo de Vasconcelos, Caiana, Caparaó, Orizânia, Viçosa, Visconde do Rio Branco e Guidoval.

Esta articulação busca fortalecer as organizações a nível regional e em suas comunidades, contribuindo com a capacitação das mulheres para sua participação política nos sindicatos, associações, cooperativas, além de intervirem e atuarem em outros espaços de articulação, debate e decisões políticas.

A parceria envolve as comissões municipais de mulheres dos municípios, os sindicatos, outros grupos e movimentos populares e o MMZML é assessorado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM).

Para este Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA), somamos à base do MMZML importantes movimentos que têm se organizado e ganhado visibilidade em nossa região, como quilombolas, indígenas e movimentos de enfrentamento à mineração, movimentos parceiros também nessa construção.

O sentido deste PFFA é fortalecer e qualificar a presença e a participação das jovens mulheres na diversidade de lutas e organizações em nossa região.



Quem somos nós?

Este Programa de Formação vem sendo construído por muitas mulheres, tendo o CTA-ZM como organização proponente e o Programa Mulheres e Agroecologia como articulador e mobilizador dessa construção. O CTA é uma organização sem fins lucrativos, que atua na região da Zona da Mata mineira desde a década de 1980, fundada por jovens que acreditavam que o alimento podia e devia ser produzido de outra forma, sem uso de venenos, sementes e insumos industrializados e respeitando as pessoas, os animais e as plantas.

Na época de sua fundação, a luta era pela Agricultura Alternativa, o que, ao longo da história, veio se transformando e hoje chamamos de **Agroecologia**. A mudança não foi só no nome. Mudou também o entendimento dos caminhos que temos que trilhar para termos uma agricultura que produza “comida de verdade” e não agrida o ambiente.

As mulheres, em sua organização e luta, ensinam que fazer agroecologia é também romper com a violência e as desigualdades que marcam a vida de muitas mulheres do campo. É reconhecer as mulheres como portadoras e produtoras de conhecimentos fundamentais para a agroecologia. É ouvir e criar espaços e condições concretas para que as mulheres tenham caminhos para escolher as formas de produzir e de comercializar seus produtos. Por isso dizemos que **Sem Feminismo não há Agroecologia!**



Nossa Caminhada formativa

Nosso chão e nossos horizontes: bases do percurso que vamos trilhar

Partimos de uma compreensão de que a educação vai muito além da escola (ainda que ela seja um direito muito importante!) e que deve se orientar para a transformação social numa perspectiva popular, anticapitalista, feminista, antirracista e antiLBTQIA+fóbica. Nesse sentido, alguns elementos orientam nossa formação:

- Nossas matrizes pedagógicas são o FEMINISMO E A AGROECOLOGIA -

Os debates, as abordagens e as metodologias do Programa de Formação são alimentadas por um entendimento de que somos todas portadoras de conhecimentos e que nosso corpo inteiro precisa estar em movimento para aprender, não somente nossa cabeça!

Exercitar nossa voz; expressar nossas percepções sobre o mundo; nos movimentarmos pelo espaço; ouvirmos, com respeito e cuidado, umas às outras; construir juntas e partilhar reflexões sobre as realidades que temos e o que queremos como mulheres, em nossos diferentes lugares sociais, compõem nosso entendimento e prática educativa.

O movimento feminista e o movimento agroecológico, entrelaçados, produzem um balaio potente de metodologias para a transformação social. **ESTAMOS EM MOVIMENTO(S)!**

- Nosso chão e nosso horizonte é o TERRITÓRIO e a PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA é nossa escolha político-pedagógica -

Em nossa formação, os territórios onde vivemos são o lugar de onde surgem nossas questões e para onde voltamos nossas ações de transformação social.



Dessa forma, esta compreensão dialoga bem de perto e potencializa o que propõe a Pedagogia da Alternância: as comunidades, as organizações e a ação política são entendidos como espaços educativos, que estão articulados aos momentos de encontros presenciais de um determinado grupo, em nosso caso, jovens da Zona da Mata vinculadas às diferentes movimentos e organizações.

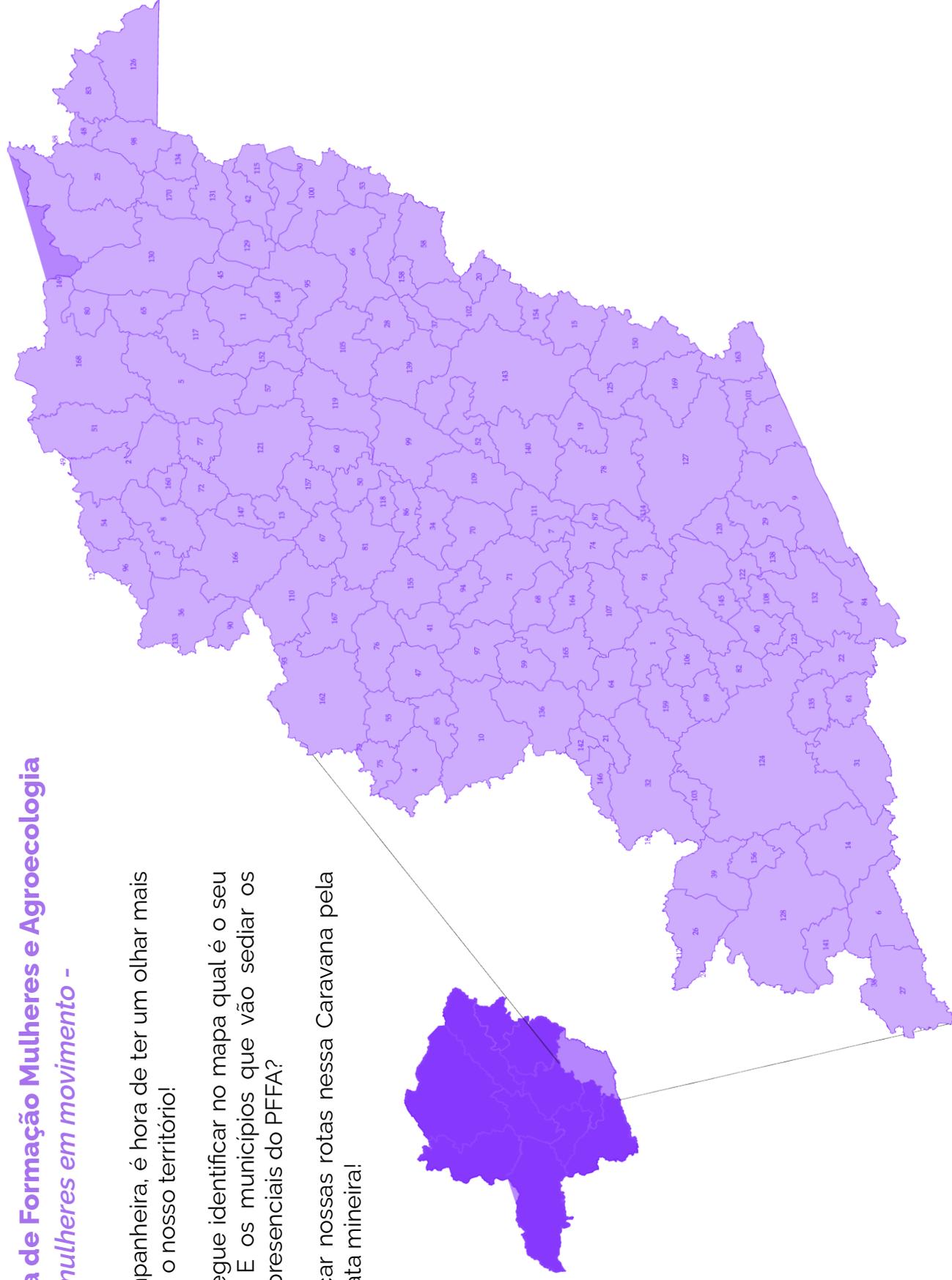
Programa de Formação Mulheres e Agroecologia

- *Jovens mulheres em movimento* -

Agora, companheira, é hora de ter um olhar mais atento para o nosso território!

Você consegue identificar no mapa qual é o seu município? E os municípios que vão sediar os encontros presenciais do PFFA?

Vamos traçar nossas rotas nessa Caravana pela Zona da Mata mineira!





Entre esses encontros, as participantes realizarão atividades de **PESQUISA e AÇÕES** junto das organizações dos seus territórios que serão apresentadas nos encontros presenciais.

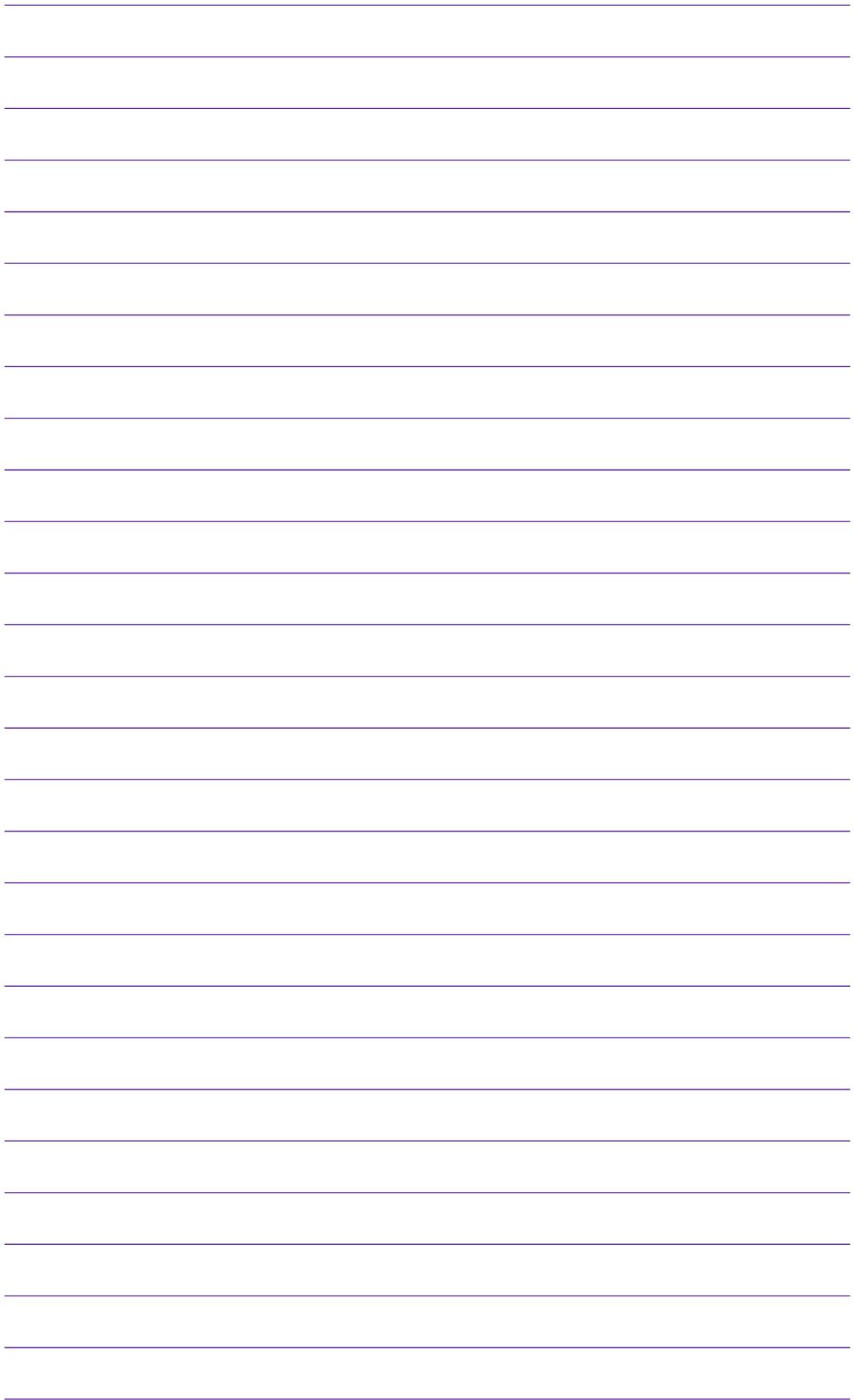
Em nosso percurso vamos **OUVIR AS MULHERES** e as organizações nas quais estão envolvidas e **COLABORAR** com o que for combinado com essas mulheres e organizações no campo das suas ações políticas, com finalidades do benefício coletivo.

A **COMUNICAÇÃO POPULAR FEMINISTA** é um eixo que vai atravessar todo nosso percurso. Vamos exercitar a **NOSSA PALAVRA!** Desenvolver nossa capacidade de expressar, de **COMUNICAR NOSSAS IDEIAS EM PÚBLICO**, debater ideias, **MOBILIZAR PESSOAS** através da nossa fala e da produção de materiais diversos.

Também incentivaremos fortemente um contato bem de perto com as organizações que indicaram as jovens, no sentido de sempre **FAZER DEVOLUTIVAS** sobre os encontros, as aprendizagens e ir se conectando ou **FORTALECENDO A PRESENÇA DAS JOVENS** junto com essas e outras organizações políticas.

A **AVALIAÇÃO** será um processo constante em nossa caminhada. Mas avaliação para nós não é prova! Nossa direção é olhar para o nosso percurso de formação (o que aprendemos, o que precisamos aprender, as metodologias dos encontros...), partilhando elementos, inclusive nossas dúvidas, para que possamos seguir

O **CADERNO DA PARTICIPANTE** é um instrumento importante na nossa caminhada. Além de ser um material de orientação do nosso percurso de formação, é um espaço para você registrar e refletir sobre sua caminhada, seus encontros, aquilo que mexeu com você, seus planos e sonhos. Nosso caderno será um **PORTIFÓLIO**, onde você poderá se expressar livremente. Esse é o seu espaço!



Nossas trilhas... temas em debate

Identidade

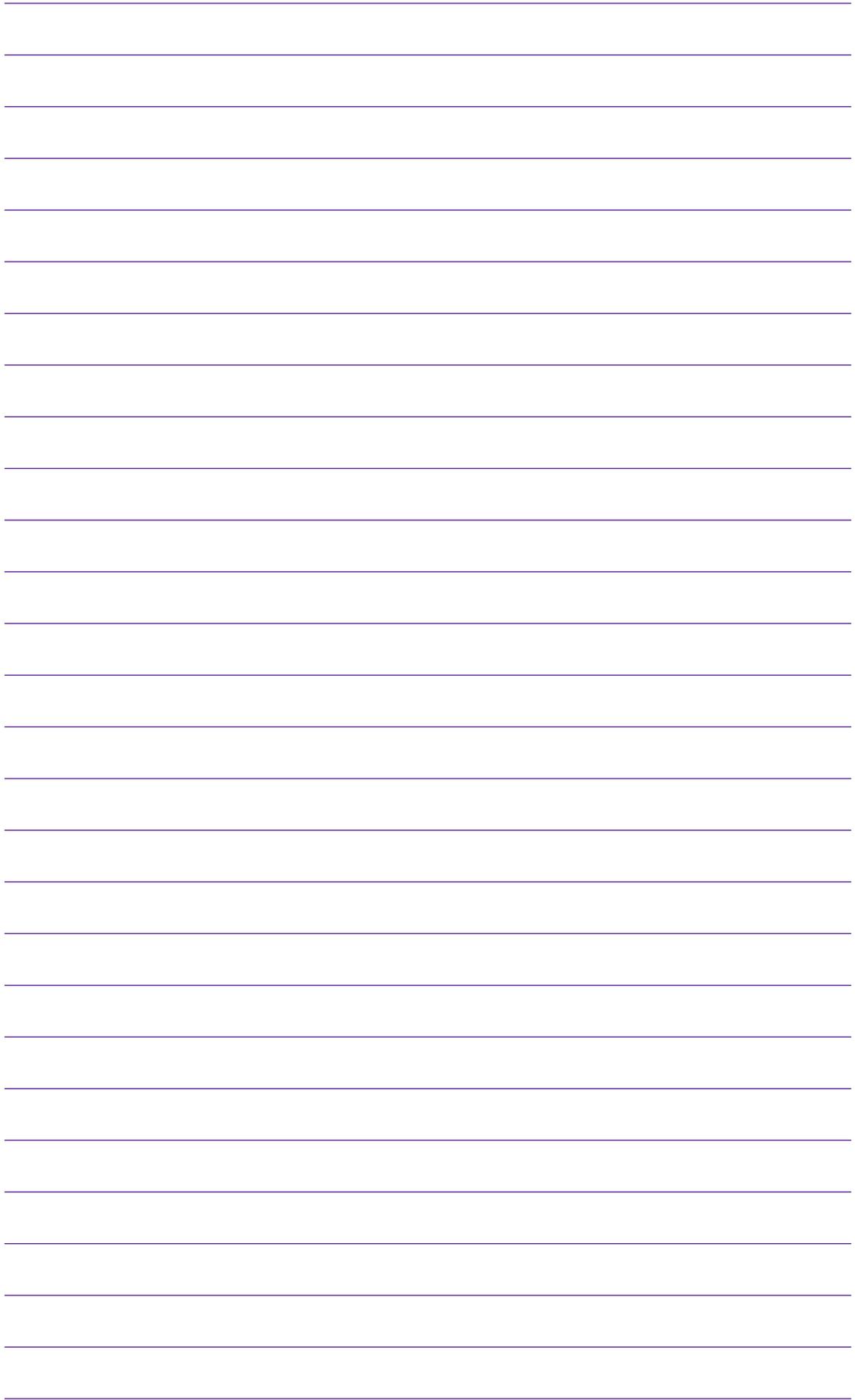
Em nossa primeira parada, na Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP), em Acaiaca, temos um momento para refletirmos sobre nossa identidade... ou nossaS identidadeS individuais e coletivas! Quem somos nós?

- Como nos vemos e como as outras pessoas nos veem e nos localizam socialmente: jovens trabalhadoras do campo, de periferias urbanas, mulheres brancas, negras, indígenas, quilombolas, lésbicas, bissexuais, homossexuais?
- Porque nos posicionamos e somos posicionadas em um ou outro lugar na nossa sociedade?
- Quais as relações entre diferenças e desigualdades?
- Como são construídos os lugares de poder em nossa sociedade na relação com a forma como somos posicionadas socialmente?
- De que forma os lugares sociais que ocupamos nos coloca mais vulneráveis a sofrer diversos tipos de violências e limitações em nossas vidas?

Essas e outras questões relativas às nossas identidades vão guiar nossa caminhada nesse primeiro momento da formação.

Junto com o exercício de perceber e refletir criticamente sobre as opressões que nós mulheres, em nossa diversidade e nas nossas diferenças, temos sofrido ao longo do tempo, nossa direção nesse módulo é também perceber as respostas à essa dura realidade. Nesse sentido, seremos também convidadas a conhecer e nos posicionarmos em relação aos caminhos que têm sido construídos pelos grupos oprimidos, em nosso caso específico, principalmente as mulheres.

Vamos compartilhar e aprender sobre formas como diferentes mulheres e/em suas organizações têm problematizado e proposto ações diante das situações de exploração e opressão, construindo caminhos para sua superação. A partir dessas provocações, colocando nossos corpos, corações e ideias em movimento, vamos construindo elementos para produção de uma sociedade feminista, antipatriarcal, anticapitalista, antirracista, antilgbtqia+fóbica, a partir de nós próprias, com nossa força ressignificada através da nossa organização política!



Território

Um tema bastante importante no nosso percurso de formação é o TERRITÓRIO. Essa palavra está bastante presente no cotidiano de muitas de nós, não é mesmo?! Quando você pensa em território, o que te vem à cabeça? Em que contextos você escuta essa palavra? Porque a palavra território é usada para falar sobre um determinado espaço em determinadas situações e não em outras? Quais as relações entre território e a luta popular ou entre território e as lutas das mulheres?

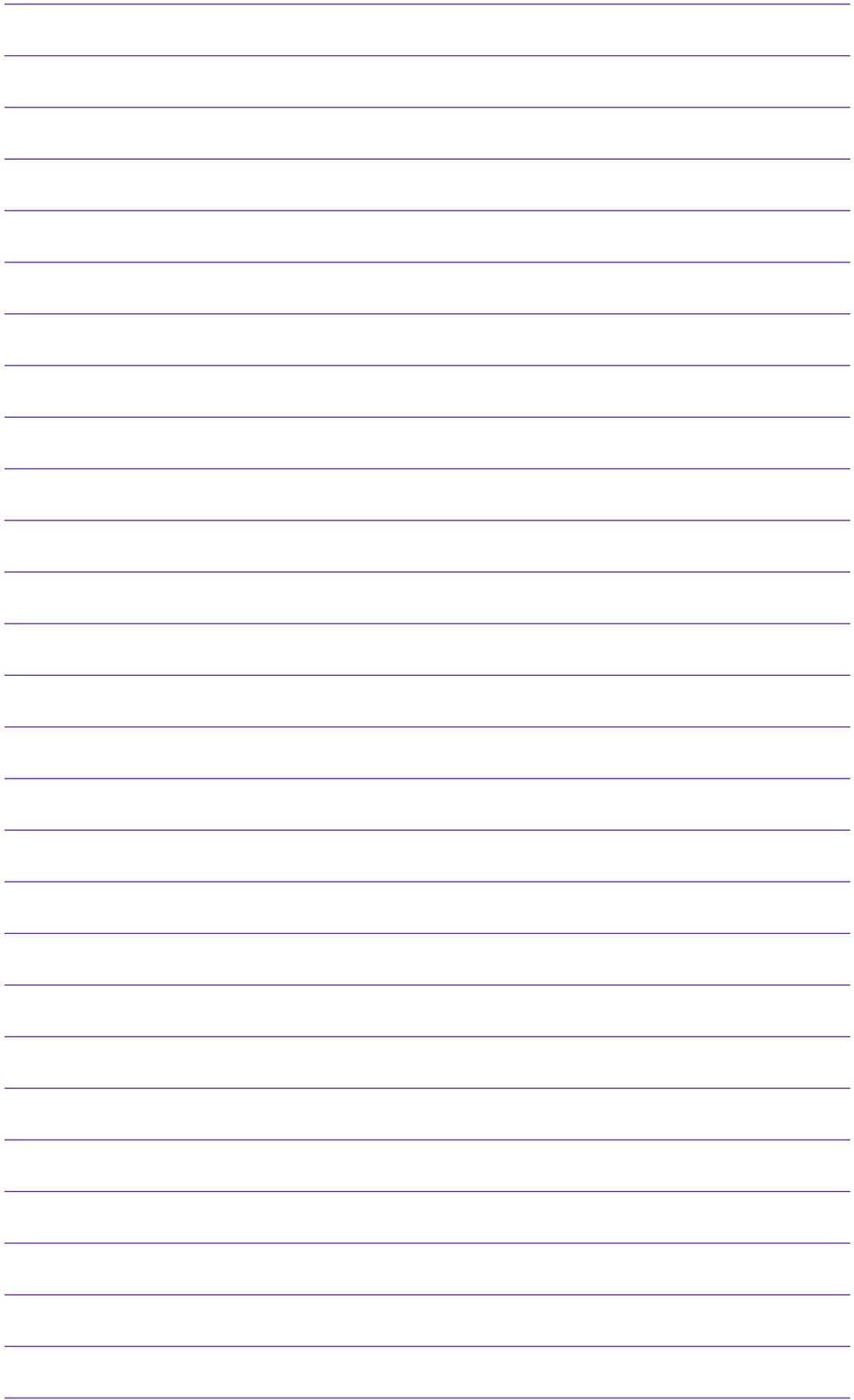
De forma bastante concreta, vamos conversar sobre estas e outras questões no Módulo II. Sobre este tema, em nosso percurso formativo a ideia é refletir e avançar na compreensão sobre a formação histórica da Zona da Mata mineira a partir dos coletivos populares e através de olhares, vozes e percepções quase sempre pouco visibilizadas.

O que mulheres negras, quilombolas, indígenas, trabalhadoras do campo, pesquisadoras vinculadas à universidade comprometidas com as lutas populares e as lutas das mulheres, têm a nos dizer sobre essa história?

Quais são suas versões? O que não aparece na "história oficial", quase sempre escrita por homens brancos, pertencentes às classes dominantes, e nos trazem essas sujeitas?

Além disso, entendendo que a história não é somente aquilo que ficou no passado, uma chave importante é a compreensão das relações entre o que passou e a forma como nossa região vem sendo produzida por diferentes atores sociais. Vamos identificar e refletir sobre os desafios, as desigualdades e seus efeitos, sobre aquilo que nos violenta, bem como as respostas a esses desafios, aquilo que temos construído que nos permite seguirmos vivas, seguirmos mantendo vivo o ambiente! Seguindo as aprendizagens com as organizações populares da região, usaremos os termos **DENÚNCIA e ANÚNCIO**, formulados por Paulo Freire.

Visualizar essas questões, construindo coletivamente um **Rio da Vida da Zona da Mata mineira**, trará elementos preciosos para seguirmos adiante, compartilhando os caminhos que vêm sendo produzidos na luta e formulando aqueles que precisamos trilhar!



Autonomia Política e Autonomia Econômica

A palavra autonomia geralmente nos leva a pensar em liberdade para tomar decisões e agir no mundo. É claro que, a depender do contexto em que a palavra é usada, podemos ampliar e trazer novos significados para o seu entendimento. Os movimentos feministas sempre reivindicaram autonomia para as mulheres, em diferentes campos da vida como o econômico e o político. Mas o que de fato significa e por que é tão importante?

Historicamente as mulheres foram excluídas da participação em decisões da vida pública.

A demora para conquistar o direito ao voto é um bom exemplo. Já imaginou a maioria da população não participar de decisões que interferem diretamente em suas próprias vidas? Absurdo, né?! Essa exclusão tem reflexos profundos em nossa sociedade. Pense comigo: quem são as pessoas que ocupam cargos de poder, que mais possuem prestígio social e valorização econômica? São majoritariamente homens ricos, brancos, velhos e heterossexuais. Faça o exercício de observar quem são as pessoas que ocupam a maioria desses lugares em seu território, por exemplo, na Câmara Municipal, nos cargos comissionados da prefeitura, promotoria, presidência de sindicatos e organizações. Tenho certeza que irá se deparar com perfis muito parecidos, o que significa que as decisões tomadas consideram poucas vozes e não a diversidade que somos enquanto povo. Mas então cadê as mulheres?

Imagino que você já deve ter ouvido falar em divisão sexual do trabalho, certo? Essa divisão foi sendo construída historicamente e é a base dessa exclusão e desigualdade das mulheres com relação aos homens. Imagine a construção de uma casa: para que ela se sustente e dure por muitos anos é preciso que ela tenha pilares bem firmes que garantam que não desabe. Podemos dizer que a divisão sexual do trabalho é como um desses pilares que sustentam a grande estrutura que é o capitalismo. Nu! Que doidera, né?

Olha a sacada do sistema: **vamos separar o que é “trabalho de homem” do que é “trabalho de mulher” e valorizar eles de forma diferente, sendo o primeiro sempre mais valorizado que o segundo.** Por exemplo, o trabalho doméstico, que nem sequer é considerado um trabalho, não é remunerado. Quantas vezes ouvimos por aí a seguinte frase: “a fulana não trabalha, ela é do lar” Mas todo mundo sabe o quanto de esforço se desprende para fazer as tarefas domésticas. E o cuidado com as crianças? Muitas tarefas fundamentais para a manutenção da vida são desempenhadas pelas mulheres, mas sem nenhum reconhecimento social muito menos econômico.

Em consequência disso muitas mulheres ficam restritas ao ambiente privado, envolvidas unicamente com tarefas da casa enquanto os homens vão para o mundo público, no mercado de trabalho e outros espaços políticos e de interação social. E nessa palhaçada as mulheres representam a população mais pobre do mundo! Principalmente as mulheres negras. E isso significa que as mulheres não têm autonomia, ou seja, não possuem condições plenas de decidir sobre suas vidas em amplo aspecto.

Quando falamos de autonomia econômica precisamos compreender a economia para além do que se vende nos mercados, taxas de inflação e comportamento dos bancos e instituições financeiras. Isso tudo é só uma parte do todo! Afinal, não são só os números que sustentam a vida. Existem outras atividades em que o dinheiro não circula mas que são fundamentais para manutenção das nossas vidas, como o trabalho doméstico e de cuidados, a produção de alimentos para o autoconsumo e outras atividades realizadas majoritariamente por mulheres nos espaços domésticos e comunitários.

E mesmo diante de todo esse esforço, o não reconhecimento das mulheres como protagonistas de processos importantes para a melhoria das condições de vida no campo e na cidade como a produção de alimentos, por muitas vezes acaba excluindo-as dos processos de elaboração e implementação de políticas públicas. E como efeito dessa exclusão, vocês sabiam que muitas mulheres não contam com assistência técnica, acesso ao crédito e apoio logístico?

E nessas andanças pela Zona da Mata, uns companheiros do CTA, em parceria com a ANA (Articulação Mineira de Agroecologia), identificaram que quando se trata da juventude do campo, o cenário não é muito diferente. A falta de autonomia juvenil nos trabalhos da propriedade e a ausência de renda monetária própria pelos serviços prestados à família no estabelecimento familiar apareceram como fatores de desestímulo da maioria das/os jovens em ficar na propriedade familiar. E, nesse diálogo, descobriram também uma demanda pela escolarização dos sujeitos do campo, principalmente quando há uma preocupação maior com a relação produção e sustentabilidade.

E aí? Nada tem sido feito para mudar essa realidade tão cruel com as mulheres e com a juventude?

Apesar de ainda ter muito chão e muita luta a ser travada para alcançar o reconhecimento do trabalho das mulheres e da juventude, os movimentos sociais, sindicais e agroecológicos têm contribuído na redução das desigualdades de gênero, por meio de ações e programas de formação que promovem a autonomia política e econômica.

Isso se expressa na forte presença das mulheres nas feiras e em outros espaços de comercialização, assim como no aumento de espaços de formação feminista, política, social e econômica para que mais mulheres e jovens ocupem esses espaços. E ainda, para as juventudes, as experiências de educação em alternância (EFAs, LICENA, entre outras) e os programas e cursos de formação dentro das organizações (Escolinha Sindical, Pastoral da Juventude Rural, ECOJOVEM etc) têm inspirado e motivado o protagonismo juvenil, possibilitando estratégias de permanência no campo, mesmo que não seja, necessariamente, atuando como agricultor/a.

Caminhando pelo nosso chão: atividades de tempo comunidade

Como vimos há pouco, além dos encontros presenciais, teremos também momentos de formação nos nossos territórios. Estas atividades são nomeadas **Atividades de Tempo Comunidade (ATC)**. Considerando estes espaços como espaços educativos e numa perspectiva de transformação social popular e feminista, propomos atividades que visam nos aproximar das realidades nas quais estamos imersas com um olhar curioso (como pesquisadoras), apoiar nas ações de organização e luta dos coletivos populares e comunicar nossas aprendizagens.

A seguir, as propostas de ATC da nossa formação:

Atividades de Tempo Comunidade

MÓDULO I – IDENTIDADE

1. PESQUISAR:

- 1.1 Entrevistar uma mulher militante: história pessoal (destaque para o período da juventude) e história da organização política das mulheres no município
- 1.2 Indicar quais são as principais denúncias/ameaças e anúncios/respostas das mulheres e suas organizações nos municípios

2. COMUNICAR:

Produzir registro da pesquisa para partilha no início do segundo módulo

MÓDULO II – TERRITÓRIO

1. PESQUISAR E AGIR:

- 1.1 Mapear a participação política das mulheres e jovens no poder público municipal e nas organizações populares (sindicatos, movimentos sociais, cooperativas, associações etc).
- 1.2 Selecionar e acompanhar/apoiar a ação de uma mulher na organização da qual participa, em sua comunidade/município

2. COMUNICAR:

Produzir registro da pesquisa para partilha no início do terceiro módulo

MÓDULO III – AUTONOMIA POLÍTICA E AUTONOMIA ECONÔMICA

1. COMUNICAR E AGIR:

Preparação para a Troca de Saberes

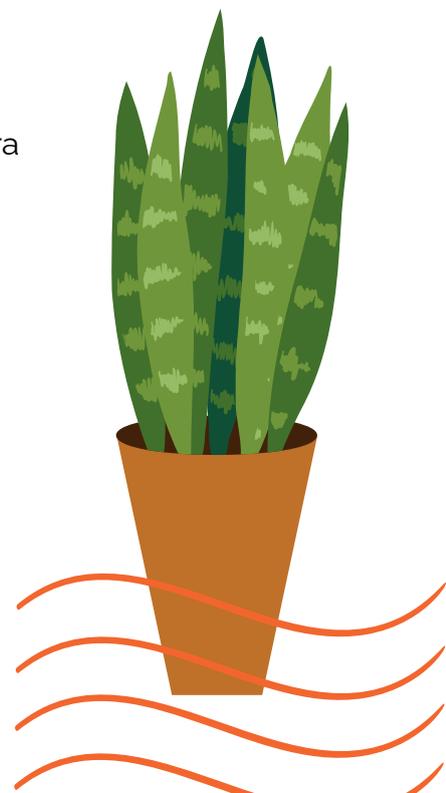
Somos Agri – Agricultura Familiar!

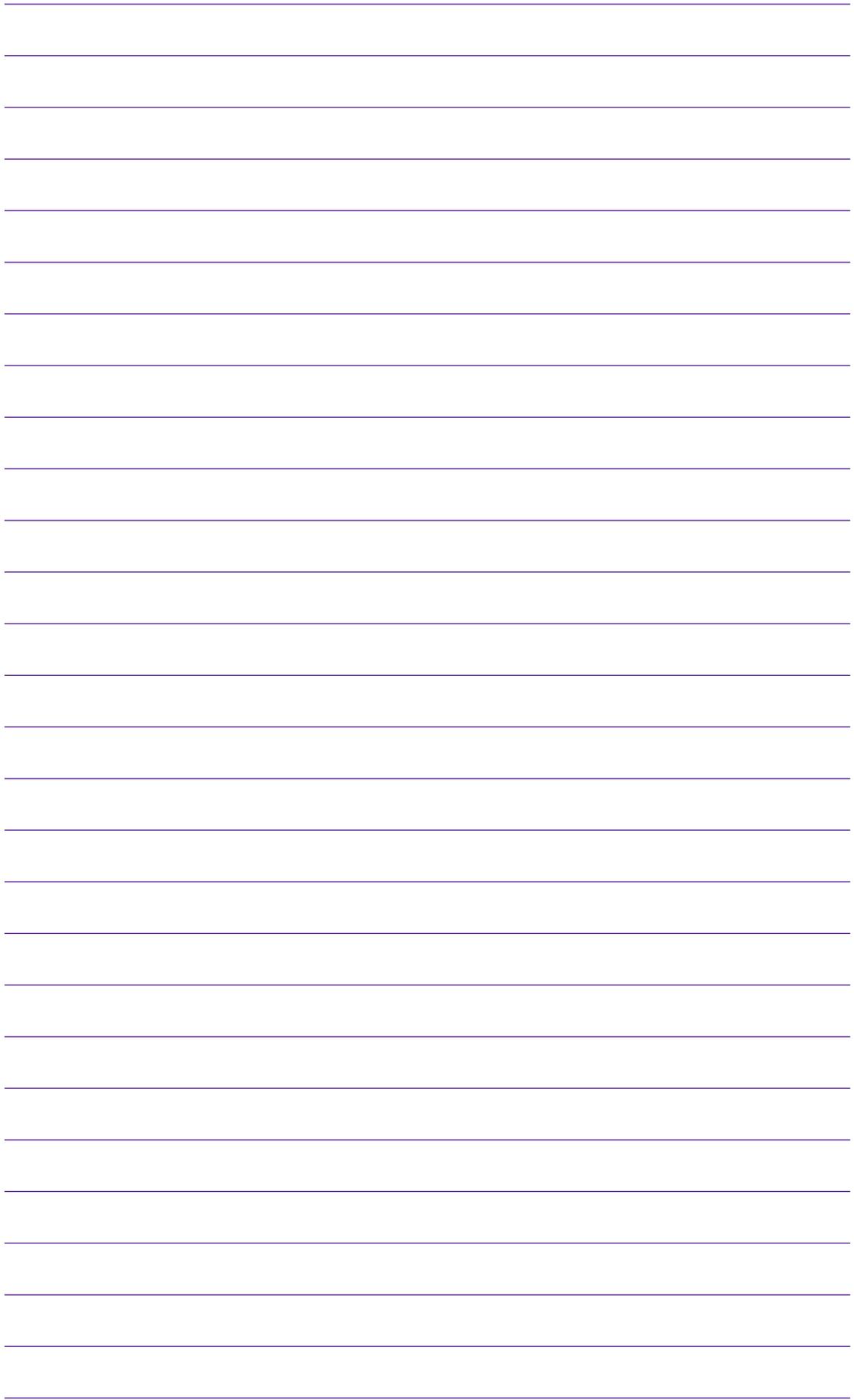
Emiliana Neta

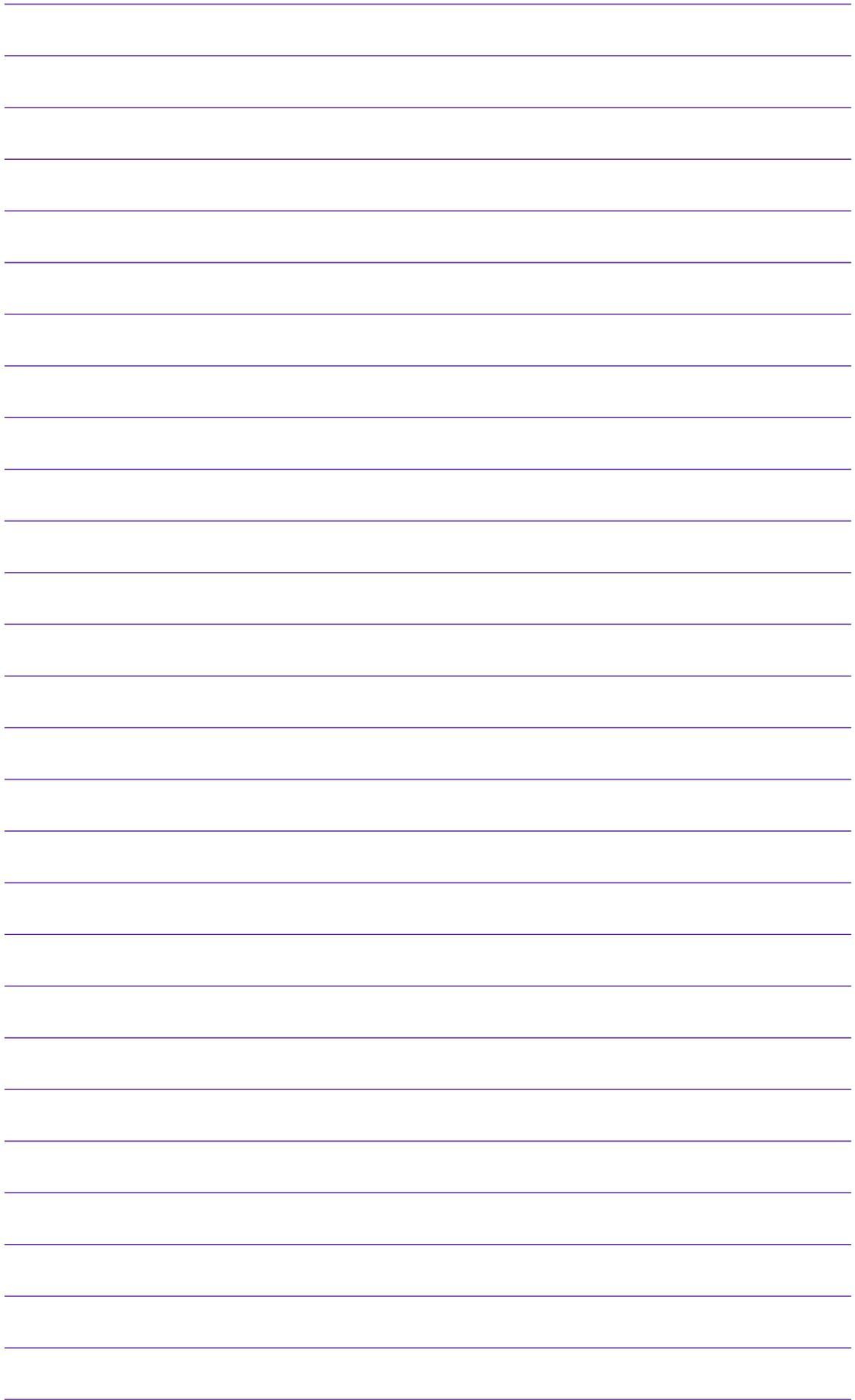
Dizem por aí	(AGRICULTURA FAMILIAR)
Que Agro é Pop	É cuidar do meio ambiente
Agro é Tech	Da Mãe Terra
Agro é vida	Nossa casa-mãe comum
Mas que vida é essa	É respeitar os ciclos da vida
Que se reproduz em série	Do plantio, do cultivo
Destruindo e devastando	Não somos Pop
O próprio meio ambiente?	Nem Tech
Que vida é essa	Somos Pira
Que explora trabalhadoras	Caipira
E trabalhadores	Com tudo de bom
Visando o lucro	Que isso significa
Acima da própria vida?	Com nossas músicas, festas
Que vida é essa	Nosso jeito de viver
Que exauri e polui a terra	Somos Pora
Envenena a água	Caipora
E os alimentos?	Somos Puris
Aqui	Muitos povos
Nós somos Agri	Reunidos aqui
Repito:	Acampados
Somos AGRI	Assentados
AGRICULTURA FAMILIAR	Camponeses
E ser Agri	Quilombolas

Somos Povos Tradicionais
Criamos, diversificamos
E também cuidamos
Das nossas tradições
Não somos Pop
Nem temos Pop Corn
Temos pipoca, mesmo
De muitas variedades de milho
Milho crioulo
Com muitas cores
Roxo, vermelho, branco amarelo
Sem sementes transgênicas
Não somos Tech
Somos Tecnologias Alternativas
Soluções coletivas
Mutirões e solidariedade
Cuidando do ambiente
Praticando Fraternidade
Agri é Cultura
Agricultura!
Agri também é agro
Mas de AGROECOLÓGICO
De AGROBIODIVERSIDADE
Ser Agri

É cuidar do outro,
Dos outros, no plural
Das outras, umas das outras
Pois como dizemos nas lutas
Se há racismo
Não há agroecologia!
Se há LGBTQIA+ fobia
Não há agroecologia!
Se há violência
Não há agroecologia!
Sem feminismo
Não há agroecologia!
Por tudo isso
Ser Agri é ser mais
Mais respeito
Mais saúde
Mais comida
Na mesa brasileira
Mais carinho
Mais cuidado
Mais amor
Ser Agri







Municípios da Zona da Mata

Nº	Municípios	Nº	Municípios	Nº	Municípios
5	Abre Campo	30	Caparaó	102	Eugenópolis
90	Acaiaca	62	Capela Nova	103	Ewbank da Câmara
9	Além Paraíba	65	Caputira	104	Faria Lemos
115	Alto Caparaó	66	Carangola	105	Fervedouro
42	Alto Jequitibá	69	Caratinga	106	Goianá
10	Alto Rio Doce	78	Cataguases	110	Guaraciaba
12	Alvinópolis	79	Catas Altas da Noruega	107	Guarani
13	Amparo do Serra	82	Chácara	108	Guarani
17	Andrelândia	83	Chalé	111	Guidoval
18	Antônio Carlos	84	Chiador	109	Guiricema
20	Antônio Prado de Minas	85	Cipotânea	112	Ibertioga
21	Aracitaba	86	Coimbra	113	Ipanema
119	Araponga	88	Conceição de Ipanema	114	Itamarati de Minas
120	Argirita	89	Coronel Pacheco	116	Itaverava
74	Astolfo Dutra	43	Córrego Novo	121	Jequeri
15	Barão de Monte Alto	91	Descoberto	124	Juiz de Fora
35	Barbacena	92	Desterro do Melo	126	Lajinha
36	Barra Longa	93	Diogo de Vasconcelos	75	Lamim
31	Belmiro Braga	94	Divinésia	125	Laranjal
39	Bias Fortes	95	Divino	127	Leopoldina
40	Bicas	96	Dom Silvério	128	Lima Duarte
38	Bom Jardim de Minas	87	Dona Eusébia	129	Luisburgo
44	Bom Jesus do Galho	97	Dores do Turvo		
47	Brás Pires	98	Durandé		
53	Caiana	99	Ervália		
118	Cajuri	100	Espera Feliz		
60	Canaã	101	Estrela Dalva		

Nº	Municípios	Nº	Municípios	Nº	Municípios
130	Manhuaçu	169	Recreio	41	Senador Firmino
131	Manhumirim	170	Reduto	55	Senhora de Oliveira
132	Mar de Espanha	2	Rio Casca	56	Senhora
133	Mariana	3	Rio Doce		dos Remédios
122	Maripó de Minas	4	Rio Espera	57	Sericita
134	Martins Soares	1	Rio Novo	59	Silveirânia
135	Matias Barbosa	165	Rio Pomba	61	Simão Pereira
117	Matipó	6	Rio Preto	63	Simonésia
136	Mercês	145	Rochedo de Minas	64	Tabuleiro
139	Miradouro	7	Rodeiro	67	Teixeiras
140	Mirai	137	Rosário da Limeira	68	Tocantins
143	Muriaé	149	Santa Bárbara do Leste	58	Tombos
144	Mutum	14	Santa Bárbara do Monte Verde	71	Ubá
141	Olaria	16	Santa Bárbara do Tugúrio	72	Urucânia
146	Oliveira Fortes	8	Santa Cruz do Escalvado	80	Vermelho Novo
147	Oratórios	11	Santa Margarida	81	Viçosa
148	Orizânia	26	Santa Rita de Ibitipoca	37	Vieiras
151	Ouro Preto	27	Santa Rita de Jacutinga	70	Visconde
142	Paiva	19	Santana de Cataguases		do Rio Branco
150	Palma	22	Santana do Deserto	73	Volta Grande
153	Passa-Vinte	24	Santana do Garambéu		
154	Patrocínio do Muriaé	25	Santana do Manhuaçu		
155	Paula Cândido	23	Santana dos Montes		
152	Pedra Bonita	29	Santo Antônio do Aventureiro		
157	Pedra do Anta	77	Santo Antônio do Gramma		
158	Pedra Dourada	32	Santos Dumont		
156	Pedro Teixeira	33	São Domingos do Prata		
123	Pequeri	28	São Francisco do Glória		
159	Piau	34	São Geraldo		
160	Piedade de Ponte Nova	45	São João do Manhuaçu		
161	Piedade do Rio Grande	46	São João Nepomuceno		
162	Piranga	49	São José do Goiabal		
163	Pirapetinga	48	São José dos Mantimentos		
164	Piraúba	50	São Miguel do Anta		
166	Ponte Nova	51	São Pedro dos Ferros		
167	Porto Firme	52	São Sebastião da Vargem Alegre		
76	Presidente Bernardes	54	Sem-Peixe		
168	Raul Soares	138	Senador Cortes		



@ctazm



(31)3892-2000

www.ctazm.org.br

O mapa da Zona da Mata mineira, que consta neste caderno, foi gentilmente produzido por Gustavo Iorio em parceria com Alessandra Bernardes.

REALIZAÇÃO:

Texto: Alessandra Bernardes, Isabela Pasini, Indyra Monteiro e Sinthia Oliveira

Produção Editorial e Revisão: Wanessa Marinho | **Projeto Gráfico e diagramação:** Michele Sotero

Ilustrações decorativas: <http://br.freepik.com/>

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



APOIO:

